

A GÊNESE DE “MEMORIAL DE AIRES” POR MEIO DO EPISTOLÁRIO E DA CRÍTICA LITERÁRIA

Fabiana da Costa Ferraz Patueli Lima (UFF)
fabianapatueli@gmail.com

RESUMO

“Memorial de Aires” é o último romance de Machado de Assis e é considerado uma das principais obras do autor. Neste romance o autor dá voz ao conselheiro aposentado José da Costa Marcondes Aires, que em formato de recorte de diário faz publicar os eventos observados por ele entre 1888 e 1889. A presente pesquisa pretende demonstrar o período de gestação criativa e publicação de “Memorial de Aires”, de Machado de Assis, publicado em 1908 por Hippolyte Garnier. A partir da fundamentação da Crítica Genética buscaram-se os testemunhos, que pudessem trazer os eventos de concepção e de publicação do romance. Assim, por meio das correspondências trocadas entre o autor e demais intelectuais, bem como acerca da crítica literária sobre o romance que foi publicada nos principais periódicos na época, pudemos traçar um percurso sobre a história da obra.

Palavras-chave:

Crítica Genética. Machado de Assis. “Memorial de Aires”.

ABSTRACT

“Memorial de Aires” is Machado de Assis’ last novel and is considered one of the author’s main works. In this novel, the author gives voice to the retired counselor José da Costa Marcondes Aires, who, in a diary cutout format, publishes the events observed by him between 1888 and 1889. The present research intends to demonstrate the period of creative gestation and publication of “Memorial de Aires”, by Machado de Assis, published in 1908 by Hippolyte Garnier. From the foundations of Genetic Criticism, we sought the testimonies that could bring the events of conception and publication of the novel. Thus, through the correspondence exchanged between the author and other intellectuals, as well as about the literary criticism of the novel that was published in the main periodicals at the time, we were able to trace a path on the history of the work.

Keywords:

Genetic Criticism. Machado de Assis. “Memorial de Aires”.

1. Introdução

O manuscrito “Memorial de Aires”, de Joaquim Maria Machado de Assis, foi escrito em 1907 e publicado em livro em julho de 1908 por Hippolyte Garnier. O trajeto desde a sua elaboração até a publicação ficou registrado nas correspondências escritas pelo ou para o autor. Por es-

se motivo, as correspondências são de extrema importância para estudos críticos acerca do manuscrito ou da edição em livro do referido romance.

De igual maneira há registros sobre a crítica literária em periódicos no ano de publicação do livro, mais precisamente a partir de 18 de julho de 1908. Os relatos descrevem o pano de fundo saudoso que a viuvez trouxe para Machado de Assis, ao mesmo passo que tais críticos também experimentaram o luto pelo falecimento do escritor, que ocorreu pouco tempo depois do lançamento da edição em livro, em 29 de setembro de 1908.

Desta forma, as críticas literárias sobre “Memorial de Aires” dão lugar as merecidas homenagens ao autor, que entrega para o deleite de seus leitores um romance que tem muito a nos dizer seja sobre a época (1888–1889) ou sobre as figuras eternas emuladas como personagens pelo Bruxo do Cosme Velho, que podiam ser qualquer pessoa: “Nós todos os conhecemos, mais ou menos; são nossos vizinhos, alguns; alguns são outros parentes; são, alguns, nossos amigos” (O PAÍS, 1 out. 1909, p. 3).

Dado o exposto, consideramos o “Memorial de Aires” como uma das principais obras do autor, muito mais do que extratos de diários de um velho conselheiro aposentado, que o autor chamou por Aires, por isso tanto seu epistolário como a sua crítica são importantes para a análise literária, a crítica textual e genética desta obra machadiana.

2. As correspondências que falam sobre “Memorial de Aires”

As correspondências se mostraram testemunhos importantes para o estabelecimento da gênese textual ou sua autenticação, sobretudo a machadiana cuja coleção cartográfica é muito rica. Em relação ao romance “Memorial de Aires”, identificamos as correspondências trocadas de 1906 a 1908 entre o autor e as seguintes personalidades: Afrânio Peixoto (1908), Almáquio Diniz (1908), Graça Aranha (1908), Joaquim Nabuco (1906–1908), José Veríssimo (1907–1908), Julien Lansac² (1907/1908), Lúcio Mendonça (1908), Magalhães de Azeredo (1908), Mário de Alencar (1907-1908), Oliveira Lima (1906–1908), Salvador Mendonça (1908), Souza Bandeira (1908).

² Julien Emmanuel Bernard Lansac gerenciou os negócios da editora junto a Hippolyte Garnier após o falecimento do outro irmão Baptiste-Louis Garnier em 1893, conforme Souza (2017).

Diante de tal preciosidade, estes importantes marcos sobre a gênese do romance virão melhor exemplificarmos por meio dos extratos de algumas de suas correspondências. Entre as quais figura-se a carta a Oliveria Lima, de 5 de fevereiro de 1906, em que o autor diz: “Eu nada tenho. Reuni alguns retalhos inéditos e impressos, que o Garnier faz sair em volume [*Relíquias de casa velha*], e é tudo. Tinha um livro em projeto e início, mas não vou adiante. Sinto-me cansado, estou enfermo, e falta-me o gosto” (ASSIS, 2019, p. 88).

Em 11 de janeiro de 1907, por exemplo, José Veríssimo, sem saber que o velho amigo já tinha em mente um “memorial”, dizia que queria ver publicadas as memórias de Machado de Assis:

Como vai Você? Sabe? Sonhei que Você fazia um livro e que eu dizia dele no *Jornal*. Quem me dera ver o meu sonho realizado. E as *Memórias*, esse é o livro que eu lhe quisera ver fazer e que (ou então eu sou um tapado em psicologia literária) auguro Você faria excelentemente de um modo original e raro. (ASSIS, 2019, p. 153) (grifo do autor e do editor)

Assim, julgamos que Machado de Assis em 7 de fevereiro de 1907, na carta endereçada a Joaquim Nabuco, falava do manuscrito de “Memorial de Aires”: “Não sei se terei tempo de dar forma e termo ao livro que medito e esboço; se puder, será certamente o último. As forças compreenderão o conselho, e acabarão de morrer caladas” (ASSIS, 2019, p. 161).

Decorrido o tempo, em 16 de dezembro, a leitura das provas do romance ficou encarregado de Mário de Alencar que escreveu suas impressões à época:

Em primeiro lugar a emoção de prazer e de orgulho de ter em mãos, sob os meus olhos, com o seu consentimento, mas do que isso, por espontâneo oferecimento seu, o exemplar em provas de um romance não conhecido nem lido de ninguém [...] e querendo qualificar o *Memorial de Aires*, os adjetivos que achei ajustados foram estes: delicioso, fino, superior, perfeito [...] que é efeito da colaboração de um sentimento novo, o mesmo que fez o soneto *A Carolina* e que nestas páginas traçou aquela figura verdadeira e sagrada de Dona Carmo. O mundo poderá admirá-la e há de admirá-la como criação de arte; eu, que adivinhei o modelo, li-o comovido, cheio do respeito pela doce evocação [...].

Os outros tipos todos são admiráveis desde a Mana Rita, Faria, o criado José Cesária, Aguiar, até Fidélia, até Dona Carmo, que não tem igual em outro livro. (ASSIS, 2019, p. 267-9) (grifos do autor)

Entende-se, com isso, que a partir de 22 de dezembro de 1907, Machado de Assis devolveria as provas do romance, conforme o que respondeu a Mário de Alencar:

Confiando-lhe a leitura do meu próximo livro, antes de ninguém, correspondi ao sentimento de simpatia que sempre me manifestou, e em mim sempre existiu, sem quebra nem interrupção de um dia; não há que agradecer este ato. Queria a impressão direta e primeira do seu espírito culto, embora certo de que aquele mesmo sentimento o predisponha à boa vontade [...] a carta que me mandou [16/12/1907] respira toda um entusiasmo que estou longe de merecer, mas é sincera e mostra que me leu com alma. Foi também por isso que achou o modelo íntimo de uma das pessoas do livro, que eu busquei fazer completa sem designação particular, nem outra evidência que a da verdade humana.

Repito o que lhe disse verbalmente, meu querido Mário, creio que esse será o meu último livro; faltam-me forças e olhos outros; além disso, o tempo é escasso e o trabalho é lento. Vou devolver as provas ao editor e aguardar a publicação do meu *Memorial de Aires*. (ASSIS, 2019, p. 270-71) (grifo do autor)

Em fevereiro de 1908, Machado de Assis ficou preocupado com um possível boato sobre a publicação do seu último romance. Logo, há algumas cartas trocadas no período com Mário de Alencar sobre o assunto que começa com a carta de 8 de fevereiro de 1908:

Sobre o meu livro, nada; talvez, na semana próxima venha resposta, e diz o Lansac que provavelmente o livro chegará no meado de março; espero. Aproveito a ocasião para lhe recomendar muito que, a respeito do modelo de Carmo, nada confie a ninguém; fica entre nós dois.

Aqui há dias uma senhora e um rapaz disseram-me ter ouvido que eu estava *publicando* um livro; ele emendou para *escrevendo*; eu neguei uma e outra coisa. Pouco antes, em um grupo no Garnier, perguntando-me alguém se tinha alguma coisa no prelo, outro alguém respondeu: "Tem, tem..." Podia ser conjectura, mas podia também ser notícia. Talvez não valha a pena tanto silêncio da parte do autor. (ASSIS, 2019, p. 291) (grifos do autor)

Na carta de 20 de fevereiro do mesmo ano, Mário de Alencar assegura que nada saiu dele, nem sobre o livro como a homenagem a Carolina, falecida esposa de Machado de Assis:

Asseguro-lhe que, se alguém sabe ou desconfia de seu livro, não o soube por comunicação minha; guardei sobre ele e sobre a impressão, completo segredo. Não se esqueça que o *senhor* mesmo, em um jantar há coisa de um ano, respondendo a uma pergunta o Senador Pinheiro Machado³, lhe disse ter um novo livro em via de publicação. A Graça Aranha e a José Veríssimo também o *Senhor* confiou o segredo; e pelo Graça, veio a saber dele o nosso Magalhães de Azeredo,⁴ segundo ouvi a este, quando aqui

³ José Gomes Pinheiro Machado foi vice-presidente do Senado Federal, conforme a nota de Sérgio Paulo Rouanet (ASSIS, 2019, p. 297).

⁴ No postal enviado de Roma, em 17 de junho de 1908, Carlos Magalhães de Azeredo deixa a entender que já tinha conhecimento da publicação do novo livro de Machado de Assis.

esteve. Por conseguinte a responsabilidade da divulgação está repartida por não poucos. Da parte que me cabe, afirmo-lhe que foi conscienciosamente aceita e guardado, e continua a sê-lo até que venha o livro.

Dizendo-lhe que não revelei a existência do *Memorial*, quase que não preciso acrescentar que não disse a minha impressão de leitura. Não a disse a ninguém, nem a ninguém direi aquela presunção que fiz e acertou de ser verdadeira, sobre o modelo de *Dona Carmo*. A esse respeito a sua confiança não foi mal usada; e eu farei por corresponder a tão alta prova de afeição. (ASSIS, 2019, p. 296) (grifo do autor e do editor)

De fato, a questão do boato só teria sido findada na carta de Mário de Alencar de 27 de fevereiro de 1908, que não deu mais azo as aflições anteriores do autor.

Contudo, em outros registros, tal como a correspondência de 8 de maio de 1908, Machado de Assis havia confidenciado para mais um amigo, a Joaquim Nabuco, acerca da publicação de um novo livro que tinha sido escrito em 1907:

[...] escrevi-o ano passado um livro que deve estar impresso agora em França. Duas ou três pessoas sabem disso aqui, e, por uma delas, o Magalhães de Azeredo (Em Roma). Diz-me o editor (Garnier) que virá este mês, mas já em março me anunciava a mesma coisa e falhou. Creio que será o meu último livro; descansarei depois. (ASSIS, 2019, p. 335)

O livro demorou a sair e muito se deve a alfândega, como denunciavam as cartas trocadas entre Mário de Alencar e o autor, no dia 16 de julho de 1908:

[Mário de Alencar:] Estive no Garnier, e pedi notícias do *Memorial*. Tinha esperança de encontrá-lo e projetava ir com um exemplar levar-lhe a boa nova. Jacinto me disse que a demora é só da Alfândega. (ASSIS, 2019, p. 361) (grifo do autor)

[Machado de Assis:] Obrigado pelas notícias. A demora da Alfândega é a mesma causa que o Lansac me dá há muitos dias; melhor é não insistir no caso. (ASSIS, 2019, p. 363)

Logo depois, em 17 de julho de 1908 o mesmo foi finalmente distribuído pela livraria Garnier, como ficou sugerido na carta de José Veríssimo de 18 de julho:

Meu caro Machado

Acabo de ler (São onze horas da manhã) o seu *Memorial de Aires*, que ontem trouxe do Garnier. Como talvez lhe dissesse Mário, eu tencionava ir hoje, já que não me foi possível ir ontem mesmo, dar-lhe o meu abraço de cumprimentos pela aparição do seu novo livro. Mas um resfriado que me atacou muito à minha miserável garganta não me deixa ter essa satisfação. Aceite, porém, nesta aquele abraço, que é, de todo o coração, de admiração e de amor.

Que fino e belo livro *você* escreveu! Consinta-me a vaidade de crer que o entendi e compreendi. O velho Aires (é ele mesmo que se quer considerar assim) decididamente é um bom e generoso coração: apenas com o defeito de o querer esconder. Você já nos tinha acostumado às suas deliciosas figuras de mulher, mas creia-me, excedeu-se em *Dona Carmo*. Ah! como é verdade que a grande arte não dispensa a colaboração do coração...

Desejo-lhe melhoras, ou melhor, restabelecimento e vida e saúde, para nos dar o resto do *Memorial* desse velho encantador que é o meu amado Aires. (ASSIS, 2019, p, 364) (grifos do autor e do editor)

Sumariamente, as correspondências trocadas com Machado de Assis a partir de então registram a apresentação do seu novo livro, bem como sua recepção crítica pelos amigos. A título de exemplo, em 29 de julho, Lúcio de Mendonça e José Veríssimo enviaram as seguintes cartas, respectivamente:

Querido Mestre e Amigo,

Obrigadíssimo por se haver lembrado de mim, sobrevivente a mim mesmo. Chega-me neste momento o “*Memorial de Aires*”, que vou mandar ler. Será o primeiro livro seu que eu leia por olhos de outrem; quero, porém, que o agradecimento ainda seja de próprio punho. (ASSIS, 2019, p. 375)

Meu Caro Machado

Indo eu hoje de manhã entregar ao portador de um amigo o meu exemplar de “*Memorial de Aires*” ocorreu-me levar-lho depois para que *você* pusesse nele a sua assinatura e com essa lembrança, não quero esconder-lhe, passou-me vago e fugaz o íntimo reproche de que *você* podia me ter dado um exemplar assim.

Mal o formulara a parte ruim de meu espírito, eis chega o carteiro e me entrega esse desejado volume. (ASSIS, 2019, p. 374-5) (grifo do autor)

Em 1 de agosto de 1908, Machado de Assis comunica a publicação do *Memorial* a Joaquim Nabuco e Magalhães de Azeredo nas respectivas cartas:

Meu querido Nabuco,

Lá vai o meu “*Memorial de Aires*”. Você me dirá o que lhe parece. Insisto em dizer que é o meu último livro; além de fraco e enfermo, vou adiantado em anos, entrei na casa dos setenta, meu querido amigo. Há dois meses estou repousando dos trabalhos da Secretaria, com licença do Ministro, e não sei quando voltarei a eles. Junte a isto a solidão em que vivo. Depois que minha mulher faleceu soube por algumas amigas dela de uma confiança que ela lhes fazia; dizia-lhes que preferia ver-me morrer primeiro por saber a falta que me faria. A realidade foi talvez maior do que ela cuidava; a falta é enorme. Tudo isso me abafa e entristece. Acabei. Uma vez que o livro não desagradou, basta como ponto final. (ASSIS, 2019, p. 385)

Este pacote leva-lhe [Magalhães de Azeredo] o meu “*Memorial de Aires*”. Leia-me, e diga se não é lamparina da madrugada. O Mário, que escreveu um artigo no “*Jornal do Comércio*”, diz que não é. Creio nele e na afeição que me tem; mas quero também a sua opinião. Como já lhe disse

este livro é o último; já não tenho forças para me sentar à mesa e começar outro. Veja a letra; a minha letra, que nunca foi bonita, está pior, mas irregular e frouxa [...] Não repare a nota fúnebre que corre por esta carta; é música do crepúsculo e da solidão. Vá ler o *Memorial* e escreva-me. Recomende-me a todos os seus, e creia-me sempre o mesmo velho amigo. (ASSIS, 2019, p. 387-8) (grifo do autor)

E os seus amigos, também intelectuais da época, respondiam-lhe com, além da admiração, comentários sobre a tessitura do romance; tal como exemplifica a carta de Salvador Mendonça de 1 de setembro de 1908:

Sobre a textura fina do *Memorial* desenhaste figuras do mais puro labor. A obra, porém é tão simples, tão fácil, tão natural que haverá por aí muita gente que a julgue obra ao alcance de qualquer pena. Esta facilidade aparente de feitura é realmente o selo da verdadeira obra de arte [...] A forma do teu estilo, teus períodos curtos tiveram de se encurtar ainda mais pelas exigências de quem escrevia um memorial ou diário, e daí sucedeu que algumas páginas saíram verdadeiras miniaturas [...] tendo de coar todas as suas personagens através da meia ironia e meia descrença de Aires, nenhuma delas se ressentiu dessas qualidades ou defeitos. Saíram todas humanas [...]. Da praia da Saudade a Retiro Saudoso, da Gávea à Tijuca, há muitos casais Aguiar, muita Fidélia e muito Tristão e mais de uma [*sic*] diplomata encostado, mas quem os ponha por obra, e obra imorredoura, digo-te até agora, só conheço certo morador do Cosme Velho [...] Alguém já me disse que o livro não tem enredo, e eu lhe respondi que o mister dos velhos desenredá-los. É essa maneira fluente com que corre a história o que mais nela me agrada, por melhor me revelar a mão do mestre que a afeiçãoou. (ASSIS, 2019, p. 424-5) (grifo do editor)

Notavelmente, percebemos com o demonstrado, que o epistolário machadiano preservado por sugestão de José Veríssimo, quem depois foi incumbido pelo próprio Machado em preservá-lo para posterioridade,⁵ tornou-se uma inesgotável fonte para os estudos críticos e literários machadianos.

3. A crítica literária a “*Memorial de Aires*” em 1908

Da mesma forma que as correspondências se provaram testemunhas da gênese de “*Memorial de Aires*”, que foi documentada desde a fase laboral até à recepção do romance, pode-se dizer que a crítica literária veiculada nos periódicos da época também se provaram importantes ves-

⁵ As cartas trocadas entre os intelectuais nos dias 21, 23 e 24 de abril de 1908 (ASSIS, 2019, p. 324-330) deixam clara a sugestão e a delegação de recolha e preservação das correspondências de Machado de Assis.

tígios acerca da recepção da obra a partir de julho de 1908. Ao mesmo tempo que se tornou evidente o luto de tais testemunhos pelo falecimento de Machado de Assis que se deu em 29 de setembro do mesmo ano.

Este período marcado pela recepção e homenagens ao autor também assinala o retorno à memória da falecida esposa de Machado de Assis, que se chamava Carolina. Ela foi reconhecida na figura da personagem D. Carmo de “Memorial de Aires” pelos intelectuais da época. Relembrando, com isso, a tristeza que acompanhava o autor por conta da viuvez desde o ano de 1904, entre outros infortúnios relacionados ao limite do corpo que envelhece e cansa.

Os principais periódicos em que foram publicadas as críticas sobre “Memorial de Aires” no ano de 1908 foram: A Imprensa (jul., out.), A Notícia (set.), Correio da Manhã (ago.), Gazeta de Notícias (jul., nov.), Jornal do Brasil (jul., out.), Jornal do Commercio (jul., set.), Revista da Semana (out.), O País (set.-out.); em São Paulo: Diário Popular (set.), O Commercio de São Paulo (ago.); em Juiz de Fora (MG): O Pharol (out.); e em Salvador: Diário da Bahia (ago.). Mas, pela impossibilidade de citar todos no presente texto, exemplificaremos com algumas publicações.

A primeira crítica literária só poderia ser do seu principal confidente à época, Mário de Alencar, que a publica no *Jornal do Commercio*, em 24 de julho de 1908:

A fôrma do diário em romance autobiographico não é rara e é relativamente fácil: mas em *Memorial de Ayres* ha um romance alheio. Ayres falla pouco de si; o mais e principal que elle escreve no seu registro é a observação feita em outros, sem preconceito, como quem olha interessadamente a vida e a vai notando por gosto ou desfastio.

Observações escriptas assim não serão todas em si mesmas importantes; algumas podem parecer banaes, se não fôr considerado o conjunto dellas. A maior difficuldade num romance desse feitio é a escolha habil de actos que o formem pelo seu seguimento e interesse, em contudo deixarem de ter a naturalidade da escriptura dia a dia, [...] Machado de Assis venceu a difficuldade de um modo cabal, como artista perfeito que é. Fez um romance delicioso e fino, sem grandes lances dramaticos, mas admiravel de vida e verdade. Em outro molde compoz Flaubert um livro semelhante com *Educationsentimentale*, coordenação de detalhes, que separados valeriam pouco e reunidos formam um bello romance. Tal é o teor da própria vida [...]

Humanidade, em que se consta uma creatura como D. Carmo, como Aguiar, vai ser amada; e do autor que lhe reproduzio a figura, e a fixou pela sua arte fôra falso affirmar que só conheceu uma face dos homens.

O retrato desse casal Aguiar não está feito pelo processo dos instantaneos, ou no feitio de apresentação do velho uso nos romances. Vêm apparecendo as duas figuras a pouco a pouco na urdidura do livro, um traço aqui,

um traço alli, e por fim acabada a trama do tecido, que são as paginas do romance, ahí estão as figuras completas diante dos olhos da gente, na alma da gente. Perfeitas, admiraveis, inesqueciveis. (ASSIS, 2019, p. 2) (grifo do autor)

E são de João do Rio, sob o pseudônimo “Joe”, as seguintes alusões na Gazeta de Notícias, que foi publicada em 26 de julho de 1908 (p. 1):

Mas, a proposito do “Memorial de Ayres” de Machado de Assis, eu tenho mesmo á porta de uma livraria de ouvi uma confusa palestra literaria em que as opiniões ou são tremendas de elogio ou tremendas de ataque. Machado de Assis, como todos os deuses, tem negadores.

— Noto o Machado de Assis a carta da emoção que lhe foge, diz um cidadão inedito. Nos seus ultimos livros ha uma verdadeira caçada ao sentimento que se esvae...

— Machado de Assis é o unico perfeito da nossa literatura. Sempre moço e sempre glorioso! Até a forma do seu livro tão pessoal e tão moderna...

Mas no meio dessas opiniões, ha uma de Joaquim Vianna que eu acho interessante guardar.

— Ou o escriptor escreve um volume único como Graça Aranha ou escreve cinquenta como o Coelho Netto.

Sim, porque de facto, o effeito é o mesmo... (JOÃO DO RIO, 1908, p. 1)

Além disso, há a crítica de Almachio Diniz, que publica no *Diário da Bahia*, em 11 de agosto de 1908, o seguinte:

O Memorial de Aires — não é uma continuação do — Esau e Jacob ; é um incidente que se desenvolve com as forças de um rebento, para formar um ramo frondoso de uma árvore copuda... Por vezes, supuz-me no caminho de crer nos remoçamento dos homens, quando, lendo aquelle livro, me reportava ás informações exactas que tenho sobre o sr. Machado de Assis, taes o seu vigor de exprimir e o seu poder de imaginar, sem desprestígio, porém, da observação. E a arte moderna è isto mesmo: a combinação do naturalismo de observação, da analyse psychologica e da verdadeira traducção emocional das coisas, com o romantismo que justifica a fantasia no amor do sonho e no culto da belleza. (DINIZ, 1908, p. 2)

Já a partir do dia 30 de setembro, as publicações são ternas e já saudosas do recém-falecido autor, sem deixar com isso de reafirmar o entrelaçamento que a obra possui com a própria vida do autor:

É porque elle era um grande affectivo: seu último livro publicado, esse “Memorial de Aires”, é uma prova de amor, do affecto immenso que dedicava á companhia desvellada dos seus dias felizes. Considerava que a funcção de amar era a funcção superior da sua espécie; elle suppunha que amar e ser amado era a funcção mais nobre do nosso espirito. (O PAÍS, 1 out. 1908, p. 3)

[Olavo Bilac:] A agonia moral foi longa, muito mais longa e dolorosa do que a physica. Mas ainda as letras brasileiras tiveram um grande lucro com essa tortura, que produziu o último livro do Mestre: o sereno e suave

Memorial de Aires, um poema de pureza e saudade, que é a glorificação dos “bem-casados”, o canto luminoso erguido em louvor das almas que nascem aos pares.

[Belmira Braga:] Em 1906, agradecendo-me as felicitações pelo seu aniversário, escreveu-me elle:—“Gostei de ler, com a restrição que lhes põe de que tal data não é já de alegrias para mim, depois que perdi a minha boa companheira de trinta e cinco annos. Assim é; muito obrigado.

Estou aqui triste velho desamparado, contando alguns poucos amigos, entre os quaes figura o seu nome de moço etc., etc.” (O PHAROL, 1 out. 1908, p.1) (grifo do autor)

Esse *Memorial de Ayres*, livro ainda publicado este mez e que lhe prolongou a vida, como si só vivesse para acabal-o, é um discreto livro de amor, é o monumento á memória da que lhe foi a companheira querida da vida e que lhe vai ainda ser companheira na morte. Não sabia ele de melhor tarefa na vida, que essa de amar:

“E amar e ser amada é, neste mundo,

A tarefa melhor da nossa espécie,

Tão cheia de outras, que não valem nada!...” (A IMPRENSA, 1 out. 1908, p. 1) (grifo do autor)

Mas, não podemos deixar de citar uma das críticas mais mordazes que o autor recebeu à época, de Hemetério dos Santos, que faz publicar a sua carta endereçada ao Sr. Fabio Luiz, na Gazeta de Notícias, em 29 de novembro de 1908:

Tive sempre pela obra do Machado de Assis o sentimento que desperta o trabalho chinês de acurada paciencia em papelão, lata ou chumbo derretido: ephemero, porque a ausencia de fundo que se lhe nota não tem força de eternisar a fôrma; passageiro, porque essa mesma fôrma não se estima, e não se valorisa pela excellencia da construcção e pela variedade dos materiaes.

Machado não foi um observador fiel do nosso modo de ser, um psychologo, mesmo no corrente sentido desta palavra, durante a sua vida muito alongada, e sempre bafejada pelo carinho dos seus e pelo aconchego que sempre teve de estranhos, o que o elevou ás posições culminantes do nosso mundo burocratico e literario.

Nascido em junho de 1839, sendo pois mais moço de que Gonçalves Dias, apenas 16 annos, com identica força que o preconceito dá para lutar; em um “meio” mais culto e tolerante, e tendo sobrevivido ao poeta brasileiro 44 annos, a bagagem que nos deixa é relativamente apoucada e pequena.

O problema do “negro” que assumiu em nova vida de não talvez em fulgor de bondade uniço, sem igual, nem nos tempos antigos, pelos captiveiros de guerra, nem nos tempos modernos, pela escravidão colonial, não mereceu do romancista e do poeta senão pallidas e aguareldas pinturas tão tímidas que claramente revelam que do artista primeiro partiam as idéas preconcebidas contra a sua côr e procedencia [...]

As nossas guerras e as nossas questões externas resolvidas pelas lutas pacificas e remansadas do talento e da diplomacia, não existem, para quem as procurar nos livros de Machado, ou se existem, são simples episodios tennes e fugitivos de uma sociedade que morreu nascendo ás mãos das

Virgílias e Capitu's, e outras hetairas tolhidas de sua desenvoltura pelos casamentos interesseiros e sordidos [...]

A arte de Machado de Assis esgota as energias; não tem ellas nem uma relação com o sentimento nacional que, apesar dos prismas pigmentaes, já se impõe naturalmente ao observador, porque primeiro, não o excita e não o satisfaz.

É uma arte doentia, de uma perversidade fria, não sentida directamente do meio, mas copiada de leituras pacientemente ruminadas, de romances francezes e inglezes, de almanacks que representam, para a vida dos amores e das conquistas, o mesmo papel que faz e fez, para a economia domestica, a vida de Bom Homem Ricardo de Benjamin Franklin.

Por ser mulato, Machado não tinha razão plausivel para desfigurar a nossa moral, simples e tradicional [...].

Adeus: Machado de Assis ficará na historia litteraria do nosso paiz ao lado de Magalhães que apesar de branco, foi também roído pelas miserias da vida, pelos preconceitos vesgos [...]. (SANTOS, 1908, p. 2)

Não é de causar espanto que Machado de Assis também tenha tido seus críticos e é até esperado que se constitua um debate às escolhas e às intenções concretizadas durante a vida do intelectual com tamanha expressividade, inclusive na sua época. Pois, não estamos individualmente, bem como nosso legado, apartados de nossas responsabilidades sociais seja nas esferas: pessoal, profissional ou artística. Por isso, a leitura crítica dos testemunhos preservados, assim como suas ausências são e devem ser objetos de estudo sempre.

Compreendendo, então, que o patrimônio cultural de um autor, passam pelas suas obras e os testemunhos subjacentes que prolongam seu debate e incursões; o que é particularmente frutífero para a história literária e a crítica textual ou genética cujo exame dos testemunhos acerca da produção literária e sua recepção, por sua vez, apontam as aspirações ou as escolhas artísticas que auxiliam na sua descrição e na sua fundamentação.

4. Considerações finais

“Memorial de Aires” foi o último romance do autor que muito tem a nos dizer sobre a época, sobre os seus viventes e especialmente sobre as suas relações que, por vezes, podemos notar semelhanças também com a vida do autor, como destaca Lúcia Miguel-Pereira na biografia *Machado de Assis*: “Leia-se Carolina e Machado de Assis onde há Carmo e Aguiar, e ter-se-á a descrição do lar de Machado de Assis” (1936, p 128).

Insuperavelmente há uma relação de afeto entre o casal Aguiar, cuja descrição da mulher D. Carmo muito lembrou Carolina, falecida esposa de Machado de Assis, de acordo com os depoimentos da época, tais como:

A idade chegou-lhe, avançada a enfermidade havia-lhe vindo minando a vida ao ponto de fazer-lhe esta penosa e difficill; por outro lado o seu coração vinha ha muito varado de uma dor intensa acabrunhadora pela perda da sua companheira adorada [...]

Dizem que todos os dias Machado de Assis beijava o retrato de sua esposa e ia ao cemiterio de S. João Baptista levar-lhe flores. Isto constituia um dever [...] procurando intacta a memoria de tudo de maneira a reviver-lhe no espirito a lembrança da mulher querida, que foi sua companheira durante annos suavissimos de conforto e de amor. (JORNAL DO BRASIL, 11 out. 1908, p. 5)

Outrossim, nos relatos de “Memorial de Aires”, que pretensamente são extratos de um diário de um diplomata aposentado, o sexagenário Aires, há uma dimensão histórica bem definida entre 1888 e 1889, quando há o estabelecimento da alforria dos escravos e da República no país. Estes eventos históricos servem de plano de fundo à construção dos personagens e às suas relações com este momento fulcral de mudanças sociais, que muitas das vezes testemunham aos eventos sem lhes dar muita relevância e quando agiam era para imprimir em tais eventos a sua própria vontade subsistente à transformação política do país, tal como se tornou um exemplo o personagem Santa-Pia que resistiu à abolição alforriando os seus próprios escravos.

De todo, o romance por si nos remete a relações variadas com o mundo como deve ser em qualquer processo artístico, isto é, à história e à memória coletiva do país, bem como tem um tom confessional à vida privada do autor como se espera de um “memorial”, que não é de si mesmo, mas, de outro – o conselheiro Aires – que por sua vez narra pouco de si próprio e mais dos outros personagens em um pretense diário que vai coligido finalmente no formato de romance: o “Memorial de Aires”.

Esse foi o último romance do autor Machado de Assis, sobre o qual temos preciosos testemunhos acerca do seu projeto, feita e publicação, que podemos resumidamente afirmar que surgiu como ideia pelo menos em 1906 e que, certamente, a partir de 5 julho de 1907, quando foi assinado o contrato com o editor Hippolyte Garnier, o mesmo já devia ter sido enviado para a impressão na França. Isto porque as provas foram lidas em meados de dezembro de 1907 e devolvidas no mesmo mês, ou o mais tardar em janeiro de 1908.

E sobre as críticas ao romance publicadas a partir do dia 24 de julho de 1908, de autoria de Mário de Alencar, que continuaram até mesmo após o seu falecimento em 29 de setembro de 1908, traziam nelas um tom melancólico e de tristeza, recolhidos do romance e da fatalidade que trazia o luto recente pelo falecimento do autor.

Diante do exposto, o presente texto buscou privilegiar a fortuna crítica de Machado de Assis para traçar a gênese do seu último romance sem deixar de lado as suas representações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado. *Memorial de Aires*. Rio de Janeiro: ABL, 1907. (Manuscrito digitalizado). Disponível em: <http://servbib.academia.org.br/arquivo/index.html>. Acesso em: ago. 2018-2021.

_____. *Memorial de Aires*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1908. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/view/?45000018570#page/1/mode/2up>. Acesso em: 2018-2021. (Acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin)

_____. *Memorial de Aires*. 2. ed. Rio de Janeiro; Brasília: Civilização Brasileira/INL, 1977. (Edições críticas de obras de Machado de Assis, v. 10)

_____. *Correspondências de Machado de Assis*: Tomo V (1905-1908). 2ª ed. Org. e comentada por Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Silvia Eleutério. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: ABL, 2019.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Machado de Assis* (Estudo crítico e biográfico). São Paulo: BPB; Companhia Editora Nacional, 1936. (5ª série Brasileira, v. 73)

Outras fontes:

A IMPRENSA, Rio de Janeiro, 1 out. 1908, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/245038/4939>. Acesso em: 20 set. 2018.

DIÁRIO DA BAHIA, Salvador, 11 ago. 1908, p. 2. Disponível em: http://servbib.academia.org.br/arquivo/asp/zoom.asp?item=7882&image_m=12478&zoom=1&content=image/jpeg. Acesso: 2019.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 26 jul. 1908, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/103730_04/17850. Acesso em: 2018-2021.

_____. Rio de Janeiro, 29 nov. 1908, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/103730_04/18748. Acesso em: mar. 2021.

JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, 11 out. 1908, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_02/28935. Acesso em: 18 ago. 2021.

JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, 24 jul. 1908, p. 2. Disponível: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_09/15476. Acesso em: 9 out. 2019.

O PAÍS, Rio de Janeiro, 1 out. 1908, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/178691_03/17516. Acesso em: 20 set. 2018.

_____, Rio de Janeiro, 1 out. 1909, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/20968. Acesso em: 21 ago. 2022.

O PHAROL, Juíz de Fora (MG), 1 out. 1908, p.1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/258822/24366>. Acesso em: 20 set. 2018.